



# A história do jornalismo negro no Rio Grande do Sul mostra a permanência das situações denunciadas há mais de um século

Rodrigo Flores / 15 de Junho de 2023 / Reportagens

**Relações étnico-raciais | Reflexo da organização da população negra no estado, a imprensa antirracista remonta ao século XIX com o periódico *O Exemplo* e chega à experiência marcante da revista *Tijção***

Imagem: Acervo Museu UFRGS

Porto Alegre, domingo, 11 de dezembro de 1892. “Nosso programa é simples e podemos exar-ló em duas palavras: a defesa de nossa classe e o aperfeiçoamento de nossos módicos conhecimentos.” Assim se apresentava em seu texto inaugural *O Exemplo*, um dos primeiros jornais negros no Rio Grande do Sul. Apesar da ironia, os autores tinham bem definidos seus objetivos e suas capacidades: “Devemos mostrar à sociedade que também temos um cérebro que se desenvolve segundo o grão de estudo que o sujeito”, em afronta aos “doutrinários que julgam o homem pela cor da epiderme”.

O periódico trazia matérias como “Brutalidade”, onde era denunciada a violência policial contra a população inocente, seguidas de poemas satíricos. Suas primeiras edições são um misto de jornal literário com crítica e denúncia. A idealização surgiu em uma barbearia na Rua da Praia, no Salão Clíxto (onde hoje fica o supermercado Zaffari), local que servia de ponto de encontro e espaço de convivência. Os frequentadores, em sua maioria homens negros que já se conheciam de outras associações, como clubes e irmandades, discutem sua posição na sociedade. “Eles começaram a perceber que algo os incomoda: a República aconteceu, a abolição aconteceu, uma lei diz que somos iguais, mas mesmo sendo instruídos e bem colocados socialmente, o racismo ainda restringia a cidadania deles”, diz Melina Perussato, professora da Faculdade de Educação e coordenadora do Projeto Imprensa Negra Educadora (PINE).

*O Exemplo* é considerada a primeira amostra de imprensa negra no estado. Existem periódicos anteriores que poderiam ter esse título, mas trazer a origem não é tarefa simples. Mateus Marçal, mestre em teoria da literatura e integrante do PINE, aponta a dificuldade de afirmar se uma obra é ou não negra, se não houver algum marcador social explícito no texto ou em outra fonte paralela sobre os autores.

O Museu de Comunicação Hipólito José da Costa tem em seu acervo uma coleção de jornais negros do estado. Nela, o exemplar mais antigo é de 1886, ainda no império e antes da abolição. Chamado *O Judas*, está cercado de outras folhas, a maioria de curta duração, nomes provocativos e textos ácidos.

Esses jornais não surgem por acaso, estão dentro de um contexto de associativismo negro que reporta ao século XVIII. A professora Melina explica que por muito tempo foi proibido a pessoas negras que se reunissem qualquer tipo de associação. A igreja era uma das únicas formas de fazer isso legalmente. Uma das manifestações mais antigas desse tipo de iniciativa é a Irmandade do Rosário, de Viamão, que traz em seu termo de compromisso de 1756: “Os Irmãos da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, assim escravos, como forros, e brancos da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão”.

Estela Ferreira, mestra em história e integrante do PINE, explica que, com a abolição e a proclamação da República, surgem os clubes negros.

“Eles se tornaram uma forma de resistência, mas também de socialização de pessoas negras. Dessa socialização foi possível fortalecer laços, conhecimentos e questões que foram levados à imprensa negra”  
— Estela Ferreira

Nesse caldo cultural surgem os periódicos negros, feitos por pessoas que se movimentavam e interagiam nesses espaços. “É muito comum ver a imprensa negra promover eventos nesses clubes. São espaços de socialização que conseguiram criar laços. O jornal publicava o que acontecia: os debates, as questões que muitas vezes ficariam restritas ao espaço físico”, completa Estela.

## Organização e proposição

Em uma sociedade como a brasileira, raça e classe se sobrepõem. “não dá pra pensar raça e classe de forma dissociada”, afirma Melina. Na primeira década do século XX, acontece a aproximação do jornal *O Exemplo* com o movimento socialista operário, principalmente com a corrente anarquista, hegemônica à época. Pessoas como Tácito Pires (primeiro presidente da Liga Operária Internacional) e Cristiano Fettermann (importante anarquista porto-alegrense) entram para o jornal. Isso marca uma mudança editorial e seus objetivos se tornam mais explícitos: o fim do analfabetismo e a luta contra o racismo.

Se no início a perspectiva era de que as denúncias gerassem uma resposta do poder público, os integrantes do periódico percebem que a inação do estado era justamente essa resposta. O jornal começa a encabeçar projetos mais ambiciosos de transformação social, como a fundação da Escola Noturna O Exemplo, com “professores do nosso meio”, para educar pessoas que não poderiam ir às aulas diurnas. Também propunham asilo a órfãos negros, que eram discriminados pelas instituições existentes. Os projetos não chegam a se concretizar, mas a linha editorial se mantém até o fim.

Em 2 de janeiro de 1930 é publicada a última edição de *O Exemplo*. Após 37 anos de atividades – com hiatos –, dificuldades de financiamento e impressão, entre outros percalços, o jornal porto-alegrense chega ao fim. O custo de produção era mantido com anúncios e assinaturas, mas a crise econômica de 1929 foi um baque que não se conseguiu superar. Assim se encerrava a principal experiência jornalística negra do Rio Grande do Sul até então, criando um intervalo no gênero que duraria quase cinco décadas.

Com o passar dos anos, a sociedade muda e, por sua vez, as formas de se organizar também. Os associativismos de clubes e irmandades, que tiveram importante papel no passado, vão sendo substituídos por outras formas de luta, como sindicatos e movimentos sociais. Por consequência, a comunicação também vai sendo modificada. Nos anos 1970, em meio à ditadura, a imprensa alternativa começa a surgir pelo país driblando a censura.

Pipocam jornais e revistas críticos, satíricos e de denúncia como forma de resistência. Nesse caldo cultural, inspirados por movimentos como os Panteras Negras nos Estados Unidos e as independências africanas, particularmente de ex-colônias portuguesas, um grupo de jornalistas e ativistas negros em Porto Alegre decide fundar a revista *Tijção*.



## Atualidade das pautas

Em março de 1978, no editorial da primeira edição, lia-se: “*TIJÇÃO* pretende falar com a comunidade negra não só de Porto Alegre, através de uma linguagem simples e buscando um trabalho de conscientização racial, social e cultural”. A revista foi fundada e publicada em Porto Alegre. Com duas edições – a segunda em 1979 – e uma terceira em jornal, foi um marco na imprensa negra gaúcha.

Foram fundadores da *Tijção* Emilio Chagas, Vera Daisy Barcellos, Jeanice Dias Ramos e Jorge Freitas, todos jornalistas. Jeanice, que hoje é diretora do Sindjors (Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul), relembra: “Tínhamos o objetivo de congregar todos os jornalistas negros no estado do Rio Grande do Sul”. O projeto ganhou mais participantes quando o sociólogo Edison Nabarro e o militante Walter Carneiro se juntaram à redação. Também se incorporou a estes Oliveira Silveira, poeta e fundador do Grupo Palmares, movimento responsável por resgatar a data do 20 de Novembro como Dia da Consciência Negra.

Entre os principais desafios, aponta Emilio, estavam o financiamento e a distribuição.

“Era uma revista negra em plena ditadura, abordando temas como racismo, a situação da mulher. Ninguém queria ler, só o público negro. Nós mesmos financiamos, fomos distribuindo em bancas, bares, shows, nos clubes, no esquina maldrão”  
— Emilio Chagas

Havia também dificuldades práticas da produção jornalística. “As reuniões de pauta eram bíblicas, muita gente se reunindo para decidir”, lembra Jeanice. Somando-se essas dificuldades, a revista não passou de duas edições, com um ano de intervalo, e outra em formato jornal posteriormente.

Apesar do fim, a *Tijção* ainda permanece presente na memória. “Se tu olhar, até hoje as pautas ainda estão atuais, ainda estão no imaginário da população negra”, pontua Jeanice. “Recebemos cartas até hoje”, sublinha a jornalista; por isso, garante: “Vamos reavivar a *Tijção*!”.

Ao lermos e rememorarmos os periódicos que já existiram, o que mais surpreende talvez seja justamente a atualidade dos temas tratados. A denúncia do racismo, da violência policial, a exclusão de pessoas negras de ambientes e espaços. O fato de que a abolição não resolveu um problema crônico do país, que a igualdade no papel não se reflete na igualdade concreta, são problemas que ainda constituem todos os aspectos da sociedade brasileira.

## Posts relacionados



INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs  
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

CONTATO

Jornal da Universidade  
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Retortira - 8. andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

📞 (51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

- ÚLTIMAS
- Carta aos leitores | 15.08.24
- Desinformação científica é um problema público que atravessa fronteiras
- Tecnologia e impactos da energia limpa H2V
- Serviços com deficiência nas universidades
- Prevalência de Diabetes mellitus em Angola
- Adoção da Ciência Aberta no Brasil enfrenta resistências de dentro da comunidade acadêmica
- Carta aos leitores | 06.08.24
- A importância de recuperar o patrimônio cultural e histórico de Porto Alegre
- Resíduos de alimentos podem ser utilizados para produção de embalagens biodegradáveis ativas
- Ver a literatura do Japão na canção do Brasil